

AFI 2021

O fim de quem éramos, o começo de quem realmente somos Trinta estratégias apostólicas

Esta é a segunda reunião da AFI por Zoom. É um sinal claro de que vivemos uma nova realidade no mundo, na igreja, nos nossos ministérios, que nos confronta com decisões pastorais muito difíceis. Vou tentar ser pragmático. Quero sugerir 30 estratégias para nossos ministérios apostólicos. E aqui está a primeira.

Estratégia # 1: Eu os encorajo a ter o que chamo de Acampamento Pessoal com o Espírito Santo. Um retiro pessoal com dois objetivos: uma renovação do Espírito Santo em sua vida e a busca de revelação e sabedoria para você e seus pastores para este tempo.

Temos passado por um estresse muito forte. Quando somos despojados de nossas rotinas seguras e familiares, enfrentamos nossa própria vulnerabilidade e nossa necessidade urgente da presença fortalecedora do Espírito Santo. E que ele antecipe o que está por vir, nos ensine todas as coisas e nos guie em toda a verdade.

Estratégia # 2: Depois de ter feito o seu “Acampamento Pessoal com o Espírito Santo”, encorajo-os a fazer um “Acampamento Apostólico-Pastoral com o Espírito Santo”. Um retiro presencial ou virtual, com os pastores que estão em suas redes apostólicas, procurem o Senhor com os mesmos dois objectivos e entreguem as sugestões que receberão nesta Consulta AFI e o que o Espírito revelou, para você, em seu acampamento pessoal. Você precisará de uma retiro de mais de um dia ou de mais de uma retiro.

Estamos concluindo um período e esses momentos são muito traumáticos, mas nem todos os finais de períodos, necessariamente, representam tempos de perda. Porque o final de uma estação é o pano de fundo no qual também ocorre o início de algo novo e para nós é uma grande oportunidade de desenvolver modelos de igreja e de liderança mais próximos do espírito bíblico e mais relevantes para a nova realidade. Para que assim seja, creio que devemos entender o que está acontecendo e compartilhar com nossos pastores, para que eles, por sua vez, transmitam para seus líderes e congregações.

Compreenda as mudanças que ocorreram.

A realidade mudou. Negar isso atrairá mais danos e atrasará os processos de renovação que Deus deseja guiar. Percebo que muitos pastores acreditam que isso é como um parêntese. Ou seja, eles acreditam que vivemos a normalidade, veio a pandemia e foi aberto um parêntese, mas em algum momento isso vai passar e esse parêntese vai se fechar para voltar à velha normalidade. Mas não é apenas um parêntese ou uma pausa, mas uma mudança de período.

Os pastores têm enfrentado diversos desafios até agora na pandemia: suspensão dos serviços presenciais, o uso de tecnologia, redes e plataformas digitais sem preparação prévia, a questão das ofertas e finanças, a dificuldade de receber apoio pastoral, a manutenção de pessoal, o custo de edifícios ociosos ou a perda deles, a morte de membros em suas congregações, a migração de membros de sua congregação para outras com melhor uso e abrangência do virtual, etc. Algumas igrejas e pastores responderam bem. Muitos infelizmente não. Uma empresa de consultoria apresentou as seguintes estatísticas: apenas 35% dos membros voltaram ao

atendimento presencial, 32% decidiram parar de comparecer pessoalmente, 18% estão vendo várias igrejas online e 15% já decidiram mudar de congregação.¹

O começo da pandemia foi perturbador para todos. Como se alguém tivesse desligado o disjuntor e tivemos que responder de maneiras para as quais não estávamos preparados. E a maioria foi capaz de fazer isso rapidamente. Mas entrar no novo estágio não é ligar novamente o interruptor da luz. Em vez disso, será, como diz Karl Vaters, como alguém que recebe alta de um hospital e inicia um longo e lento processo de reabilitação.

Com autorização para voltar à reunião presencial, os pastores tem nos informado: “Os serviços voltaram, mas o povo não voltou”. A reclamação de muitos é que as congregações mais ricas da cidade “roubaram muitos de nossos membros de nós”. Um pastor da cidade de Mar del Plata, Argentina, me disse que 80% das igrejas, que alugaram um prédio como templo, fecharam. No meu país, existe um processo de renovação forçada da liderança pastoral, porque mais de 250 pastores morreram.

Compreenda os dois horizontes hermenêuticos

A pandemia funcionou como um catalisador que acelerou um processo de declínio que já ocorria há anos. Isso é verdade não só na sociedade, mas também em relação ao modelo de igreja e ministério pastoral. Temos vindo a desenvolver um modelo que já não era relevante para a transformação da sociedade e que não era relevante para os próprios crentes. Mais de 50% dos que se dizem evangélicos não fazem parte de nenhuma congregação. Em outras palavras, esse modelo não funcionou mais para eles. Há anos venho dizendo que esse modelo de igreja tinha sua certidão de óbito assinada. Agora, a pandemia o enterrou vários metros abaixo do solo.

Vários paradigmas eclesiásticos e de liderança caíram. Esses paradigmas foram as maneiras pelas quais a Igreja tentou captar as verdades eternas da Palavra em um determinado contexto histórico-cultural. Cada mudança cultural causa uma mudança de paradigma. A igreja estava atrasada em compreender as mudanças culturais que estavam ocorrendo. Portanto, os modelos eclesiásticos, pastorais e missionários que serviram para outro tempo já não serviam. Alguns por sua falta de fidelidade à Palavra, outros por sua falta de relevância para a realidade em mudança. Mas, infelizmente, a igreja não foi adequadamente notificada sobre isso, e continuou em sua operação dentro desse modelo não bíblico ou relevante. A pandemia acelerou essas mudanças culturais e alguns desses modelos não poderão continuar funcionando.

Quando a crise provoca uma mudança tão profunda, produz-se um vazio, onde o que era conhecido já não existe e o que é novo ainda não está definido. É a grande oportunidade para o ministério apostólico da igreja se esforçar para reler a Palavra para resgatar os paradigmas bíblicos. Toda leitura da Palavra está condicionada às nossas lentes culturais. Mas se formos capazes de fazer um esforço para extrair os princípios questões eternas conjuntural, e principalmente de nossos orçamentos eclesiástico e ministerial que temos repetido, então mesmo nossa leitura cultural, será pelo menos relevante para este novo tempo.

O ministério apostólico deve alimentar-se do conhecimento do outro horizonte hermenêutico, que é a nova realidade. Ler, consultar especialistas e cercar-se de jovens que entendem o novo mundo. E com o espírito de revelação, reinterpretar essa informação e com o espírito de sabedoria canalizar esse conhecimento para a prática. A fusão dos horizontes da Palavra e da nova realidade conduzirá a novas formas eclesiásticas, missionárias e pastorais mais fiéis e atuais.

¹ www.wavesprogram.com/members

Estratégia #3: Trabalhe com seus pastores no conceito dos 2 horizontes hermenêuticos. O da Palavra que nunca muda e que deve se encarnar na da realidade que está sempre mudando.

Estratégia #4: Investigue quais são as mudanças que já ocorreram e aquelas que as tendências marcam para o futuro. Compartilhe com seus pastores.

Estratégia #5: Reúna os adolescentes e os jovens e pergunte-lhes como se sentem, como veem a realidade, que mudanças estão visualizando, de que forma acreditam que a missão pode ser cumprida hoje de uma forma melhor. Em seguida, compartilhe o que você aprendeu com seus pastores. E incentive-os a fazer o mesmo também.

Compreenda as mudanças nos paradigmas eclesiásticos e de liderança

É importante que não caiamos na simplificação de pensar que tudo se resume em saber o que pode continuar a ser feito pessoalmente e quais poderão seguir sendo realizadas virtualmente. Mas vamos aproveitar o momento para repensar a igreja. Eu vejo algumas mudanças.

1. Rumo a um encolhimento da instituição eclesiástica e ao crescimento da comunidade eclesiástica.

Na prática, a igreja tem duas dimensões. A primeira, uma comunidade, o corpo de Cristo. A segunda seria a estruturação dessa comunidade como instituição. A comunidade sempre nasce primeiro: as pessoas começam a ser convertidas, batizadas, discipuladas e, quando um grupo é formado, a igreja começa a se estruturar como instituição: pessoal, edifícios, programas, atividades. Uma instituição é estabelecida para fornecer serviços à igreja comunitária e para representá-la legalmente perante as forças vivas da sociedade. Ed Kivitz, a quem sigo nisso, nos lembra que nem todo mundo que faz parte da igreja comunitária é membro da igreja institucional. Pessoas que se reúnem em cultos, em células, que seguem a programação virtual, que se sentem parte da comunidade, mas não são membros da instituição. Devemos adicionar as crianças, que fazem parte da igreja da comunidade.

E da mesma forma, há membros da instituição que não são membros da igreja da comunidade. Já por volta do ano 1000 houve um debate teológico entre Anselmo e Abelardo. Anselmo disse: quem não tem a igreja como mãe, não tem Deus como pai. E ele estava falando sobre a instituição igreja, naquela época a Igreja Católica Apostólica Romana. E Abelardo, respondeu a isso: “que Deus tem muitos que a igreja não tem, e a igreja tem muitos que Deus não tem”.

Nestes tempos, a “igreja instituição” está passando por uma redução. Edifícios não estão sendo utilizados como antes, redução de pessoal, escritórios descentralizados. Os templos podem estar fechados, mas a “igreja comunidade” ainda está ativa. A “igreja instituição” serve à “igreja comunidade” por meio de programas e atividades. Durante este tempo, será essencial que os ministérios apostólicos ajudem os pastores a definir quais desses programas e atividades são essenciais, quais são desejáveis e quais devem ser interrompidos. Os programas e atividades essenciais são aqueles que a igreja não pode deixar de fazer porque, de acordo com a Bíblia, definem a razão de ser da igreja. Os desejáveis são aqueles que, diante da nova realidade, seria bom que a igreja começasse a desenvolver e são determinados pelas necessidades que o mundo apresenta hoje. Por exemplo, dada a pandemia de saúde mental que existe hoje e que continuará a crescer, seria desejável que as igrejas oferecessem clínicas pastorais interdisciplinares abertas à comunidade assistida por pastores, psicólogos, psiquiatras e médicos.

Esta definição de programas e atividades, nessas categorias, nos ajudará a simplificar as múltiplas tarefas que o ativismo evangélico nos levou a ter. O mundo que virá será muito

exigente para as pessoas e quanto menos atividades desnecessárias tivemos, melhor uso dos recursos humanos teremos.

Estratégia #6: *Trabalhe com seus pastores nesta mudança de paradigma. Fortaleça a idéia de que o enxugamento institucional não é necessariamente uma perda, mas pode dar um maior vôo, alcance e produzir mais resultados à missão da igreja comunidade.*

Estratégia #7: *Redefina com seus pastores qual é a essência da missão da igreja. O que a igreja não pode parar de fazer.*

Estratégia #8: *Em grupos, seus pastores definam as necessidades atuais das pessoas em suas áreas e proponham programas e atividades que seriam desejáveis realizar..*

Estratégia #9: *Discuta com seus pastores quais de seus programas e atividades são essenciais, quais são desejáveis. E encoraje-os a acabar com o desnecessário.*

Estratégia #10: *Discuta com seus pastores os orçamentos financeiros de suas congregações na nova realidade. Quanto do pessoal da “igreja instituição” será necessário manter? Quanto do pessoal da “igreja comunidade” será necessário incorporar e apoiar?*

É importante que entendamos que a “igreja comunidade” é uma realidade presente, influente, mas não necessariamente mensurável, estruturada e, portanto, não controlável, administrável. Muitas das coisas que acontecem na vida da comunidade da minha igreja, descubro depois que acontecem. O irmão que concede bolsa de estudos aos jovens para que possam estudar, a irmã que é voluntária sozinha em uma casa de repouso, o casal que abre a garagem de sua casa para alimentação, etc.

Ariovaldo Ramos, apresenta-nos três conceitos de igreja no N.T.: A igreja de Jesus Cristo: *onde dois ou três estão reunidos em meu nome aí estou eu.* Há uma igreja ali. A igreja dos apóstolos. Tem uma estrutura eclesiástica, diáconos, sacerdotes, epístolas, disciplina, normatização, governo, organização, eleições de sacerdotes. E também aparece a Igreja do Espírito Santo, que é a igreja dos carismas. E transpassa pela igreja dos apóstolos. E muitas vezes cria "bagunças sagradas" na igreja dos apóstolos. Um exemplo: A igreja dos apóstolos queria fechar o ministério apostólico para um grupo de 12. Mas o Espírito como um abortivo coloca Paulo, e não só ele, mas outros. E como os apóstolos deviam ser em número de 12, eles escolheram Matias por sorteio e estava mais do que claro que na vontade de Deus, a figura apostólica proeminente seria Paulo. Portanto, a igreja do Espírito Santo passa muitas vezes por meio da igreja dos apóstolos. A manifestação dos dons, a liberdade de agir do Espírito, mesmo contrária à organização apostólica, porque o perigo contínuo é que a instituição eclesiástica comprima, institucionalize a comunidade eclesial. O que as pessoas podem controlar até certo ponto é a instituição, mas não a comunidade. E isso modifica o paradigma da liderança pastoral que afirma ter tudo sob controle.

Nestes tempos, a “igreja instituição” encolhe e o peso da “igreja comunidade” aumenta. A “igreja comunidade” é estruturada a partir de dois elementos centrais: uma rede de relações e uma rede de missão. A rede de relacionamentos mantém a igreja viva, unida e apinhada. A rede missionária mantém a igreja ativa. Eles constituem a dimensão comunitária da igreja. A Rede de Relacionamentos tem a ver com amizades espirituais, pastoreamento mútuo, cuidado mútuo. Diante da multiplicidade de necessidades, o pastoreamento de pastores dedicados não será suficiente, mas serão necessárias formas de pastoreio mútuo.

Estratégia #11: Trabalhe com seus pastores sobre como fortalecer a rede de relacionamentos. Como estimular o relacionamento interpessoal? Como gerar pastoreio mútuo?

2. Por uma igreja que fortalece a igreja e aperfeiçoa a diáspora.

Existem duas expressões da igreja: A primeira, “*Ecclesia*”, seria a igreja reunida, congregada. Até agora, a ênfase principal tem sido nesta dimensão: cultos, eventos. A outra seria a Diáspora (dispersão), é a igreja dispersa. Hoje experimentamos um certo sacrifício da expressão “*Ecclesia*”. Não podemos nos encontrar da mesma forma que antes. É um momento de ênfase na Diáspora. A igreja se espalhou. E aqui temos duas tarefas. A primeira é ver de que forma fortalecemos a “*Ecclesia*”, a necessidade dela e a possibilidade de sua manifestação. Porque o mandato bíblico para fazer isso não apenas permanece em vigor², mas tem um papel vital na edificação do Corpo de Cristo³. E em uma pandemia, na saúde emocional das pessoas, o congregar da igreja é fundamental.

E aqui devemos avaliar as reuniões de adoração e congregar da comunidade. Apresentando massivamente o virtual às pessoas, porque não tínhamos outra alternativa, às colocamos no mundo de possibilidades que o “mercado” evangélico hoje oferece. Muitos pastores lamentam que seus membros tenham descoberto outros ministérios mais bem preparados técnica, musicalmente e até pastoralmente, e estejam optando por outra congregação. Claro, por trás dessa decisão, há uma falta de discipulado, de pastoreamento adequado, de maturidade. Mas mesmo explicando assim, ainda é uma realidade dolorosa para muitos pastores. Um *upgrade* é imprescindível ao nível dos pastores, dos cultos comunitários, do técnico. Isso não resolverá o problema da imaturidade, que só pode ser resolvido com discipulado contínuo, mas pelo menos evitará um abandono massivo.

O fortalecimento da dimensão “*Ecclesia*” também tem a ver com programas por faixa etária. Principalmente a infância, os adolescentes, os jovens. Estes programas devem ser alvos de nossas ênfases principais, nossos ajustes, nossos investimentos de pessoal e dinheiro. Porque eles são os setores mais vulneráveis e os que mais precisam para o crescimento espiritual de seu grupo de pares. Há uma grande ameaça, que é que esses meninos fiquem mais um ano sem amizade com seus colegas da igreja e que desenvolvam amizades apenas com seus companheiros da escola. Numa fase da vida onde para a afirmação da fé, o grupo de pares é mais importante do que a influência dos adultos, podemos perder boa parte dessa geração. Uma aliança estratégica entre a igreja e os pais é necessária para cuidar dessas gerações, tendo programas atraentes que os levam a fortes experiências espirituais, mas também a relacionamentos de amizade fortes com seus irmãos na fé.

Outro desafio é: Como cuidar da saúde espiritual e emocional e pastorear aqueles que por motivos de idade e saúde não podem se reunir pessoalmente?

A segunda tarefa é aperfeiçoar os crentes ministerialmente, dando-lhes ferramentas para seu ministério na Diáspora. Esta é a Rede de Missões. A igreja na Diáspora em missão. Aqui está uma mudança de paradigma. No passado, direcionávamos o treinamento aos ministérios que eram desenvolvidos principalmente no templo: irmãos que lideram a adoração, porteiros, aqueles que desenvolvem tarefas evangelísticas ou sociais dentro do prédio da igreja. Agora teremos que treiná-los para a missão em sua vizinhança e ambiente de trabalho. Treine advogados, donas de casa, estudantes, para servir, evangelizar, curar, libertar seus colegas, pessoas que não terão vindo aos nossos edifícios, aos seus ambientes.

² *Hebreus 10.25: Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima..*

³ Sobre a importância que tem em congregar-se, ver: *Carlos Mraida, Volviendo de la Cautividad, en Consulta de AFI 2020: ¿Qué le está diciendo Dios a su iglesia en este tiempo de pandemia?*

Estratégia #12: Discuta com seus pastores como fortalecer o culto comunitário, tanto face a face quanto virtual, principalmente espiritualmente, bem como tecnicamente, esteticamente e musicalmente. De quais recursos você precisa para passar para um novo nível? Quais recursos humanos, técnicos e materiais eles podem compartilhar entre si?

Estratégia #13: Elabora uma proposta de aliança estratégica entre a igreja e a família para pastorear crianças e adolescentes. E a compartilha com seus pastores.

Estratégia #14: Crie um espaço para um "brainstorming" de seus pastores sobre como pastorear os irmãos que não poderão ter contatos face a face.

Estratégia #15: Faça uma lista das principais profissões das pessoas em sua região e distribua-as entre seus pastores. E peça que cada um se encontre com irmãos de uma dessas profissões em sua congregação e desenvolva ajudas para servir, evangelizar, discipular seus semelhantes. Em um futuro encontro com seus pastores, peça-lhes que tragam esse guia para compartilhar com os demais, para que todos tenham uma ajuda para treinar os irmãos em suas diferentes profissões para a missão na diáspora.

3. Rumo a uma igreja de protagonistas e não de espectadores

O paradigma cujo vencimento é mais evidente é o do auditório, no qual se realiza um "espetáculo religioso", onde dez pessoas (pastores e músicos) ministram e o restante é ministrado. Muitos pastores acreditavam que poderiam continuar com o mesmo, mas virtualmente, e ainda assim ficaram felizes porque inicialmente o número de espectadores era maior do que pessoalmente. Mas com o retorno à presença, a alegria se transformou em tristeza: "Os serviços voltaram, mas o povo não voltou" ..

Em minha apresentação no AFI 2020, expressei minha percepção em relação ao futuro e, infelizmente, ela se cumpriu. Portanto, quero repeti-lo, não como uma ameaça potencial, mas como uma realidade a ser trabalhada: "Se antes da pandemia mais de 50% dos crentes em todas as cidades não se reuniam, na pós-pandemia o percentual aumentará. As igrejas aumentarão a adoração face a face, adoração online, entusiasmada para alcançar pessoas não alcançadas. Mas quando isso acontecer, muitas pessoas que antes se congregavam escolherão "assistir" o mesmo show de adoração de 10 pessoas de sua casa, sem congregar, sem ter que viajar, sem ter que "vestir-se para", sem cobranças. À deformação de "vamos à igreja" agora será adicionado "vemos a igreja". Para que isso não aconteça, é necessário um ministério apostólico...cuja primeira e mais importante ação é uma renovação da mentalidade dos pastores ..." As pessoas vão navegar e ser servidas como em um restaurante self-service buffet, o música que eles mais gostam, seu pregador favorito de qualquer lugar do mundo "⁴".

Não criamos oportunidades de nossos encontros para funcionar como o Corpo de Cristo, para o serviço mútuo, onde todos atuam com seus dons bem conscientes de que "somos igreja" e não que "vamos à igreja" ou "vemos a igreja". A igreja em sua expressão Diáspora, congregará em sua expressão "Ecclesia", se e somente se, os encontros forem experiências onde verdadeiramente a presença de Deus se torna real no seio da comunidade, com sinais e maravilhas e vários milagres e distribuições do Espírito⁵ e onde que isso aconteça como fruto de um serviço mútuo, onde todos têm a oportunidade de ser protagonistas e não espectadores. Então as pessoas não vão querer deixar de fazer parte dessa dupla experiência: o movimento do Espírito nesse encontro, e que isso aconteça com a própria vida. Caso contrário, no melhor dos

⁴ Ídem.

⁵ Hebreus 2.4.

casos, as pessoas continuarão a assistir ao nosso programa de suas casas e, provavelmente, verão outros.

Estratégia #16: Prepare com seus pastores sugestões de reuniões com uma dinâmica não centralizada na plataforma e na qual haja a participação de todos.

Estratégia #17: Minstre aos seus pastores para que experimentem uma renovação do Espírito Santo em suas vidas que lhes permita viver um tempo de renovação em suas congregações, para que a Presença do Senhor seja evidente em cada encontro.

4. Em direção a uma igreja de discípulos e não apenas de membros.

Alguns dos problemas que vivemos hoje (falta da consciência de pertencer a uma comunidade; migração constante de membros de uma congregação para outra; falta de fidelidade nos dízimos e ofertas; falta de compromisso de congregar e servir; resfriamento e afastamento de irmãos; etc.), são o resultado de um modelo de igreja, onde o discipulado era notável por sua ausência.

A ênfase exagerada no crescimento numérico da igreja, em detrimento do crescimento na qualidade, fez com que muitas congregações percebessem que eram igrejas grandes, mas não fortes. Estamos diante de uma oportunidade de retornar à fonte. O virtual está permitindo que muitos mais acessem a possibilidades de receber formação. A combinação das duas modalidades pode ser a grande oportunidade de retornar ao paradigma bíblico, que é o de fazer discípulos.

Estratégia #18: Se a sua rede de pastores não tem um plano de discipulado, explore entre as muitas possibilidades que existem e escolha um que você possa compartilhar com seus pastores e fazer do discipulado de todos os membros uma de suas prioridades.

5. Rumo a uma liderança plural e multigeracional

A liderança tipo "pastor maestro" será cada vez mais substituída pela "orquestra de pastores". A concentração em um lugar físico favorecia o modelo antibíblico de liderança singular. O modelo de "igreja comunidade" na diáspora torna o serviço de uma única pessoa insuficiente.

Muitos pastores já estavam exaustos antes da pandemia. E o estresse da mudança na realidade os deixou impotentes e aprofundou sua exaustão. A razão é que aqueles que realizam seu ministério com responsabilidade geralmente estão sobrecarregados. Hoje há uma nova ênfase cultural no cuidado e bem-estar. Para a maioria, é mais um retorno à centralidade do "eu". No entanto, ainda é uma ênfase saudável. Aproveite a mudança na realidade para desenvolver uma liderança mais bíblica, baseada no trabalho em equipe.

Não é apenas ir do singular para o plural, mas também para uma liderança multigeracional. Na Argentina, uma mudança geracional está ocorrendo entre os pastores, forçada pela pandemia. Mais de 250 pastores morreram. E a maioria deixou suas congregações sem pastor, porque eles eram o único pastor e não tinham ninguém para sucedê-los. O modelo bíblico não é o de substituição, mas o serviço compartilhado. Os pastores mais velhos têm que se reproduzir em outros pastores e, principalmente, cooperar para se capacitar jovens, que são aqueles que entendem o mundo em que vivemos. Além de garantir a continuidade ministerial, esses jovens serão uma fonte de renovação espiritual para a Igreja, de um novo entusiasmo, uma paixão renovada, uma nova força. Não é o jovem substituindo ao velho, mas o velho junto com o jovem. Para isso, é fundamental que os pastores que já têm muita experiência em

liderança, agora aprendam a co-liderar e ser liderados por outros. Os idosos focaram no "o quê" e no "porquê". Ou seja, garantir que o evangelho eterno seja sempre pregado na igreja, para a glória de Deus e a extensão de seu Reino. Ao mesmo tempo que devem deixar o "como" aos mais novos, contribuindo com novas formas de pastoreamento, de missão que sejam relevantes e pertinentes para este novo tempo.

Estratégia #19: Peça ao Espírito que lhe revele qual de seus pastores você tem que treinar para acompanhá-lo no serviço apostólico que também é compartilhado.

Estratégia #20: Desafie seus pastores com a Palavra de Deus para levantar novos pastores em cada congregação. Ajude-os a fazer isso com objetivos concretos e prazos.

6. Rumo a uma liderança mais cuidadosa e saudável.

Vaters corretamente diz que este é um momento para os pastores mudarem o ritmo. Eles responderam à nova situação com uma velocidade impressionante. Mas você não pode continuar assim o tempo todo sem sofrer consequências.

Gosto de dizer que é o momento de passarmos do ritmo "jamaicano" para o ritmo "queniano". Jamaicanos e quenianos são os atletas mais rápidos do planeta. Mas os primeiros são especialistas em 100 metros, e os africanos são os melhores maratonistas. O ministério não é uma corrida de 100 metros, mas uma maratona. O ritmo de uma maratona é mais lento. Não só o ministério é longo, mas este processo pandêmico também o será. E precisamos de uma liderança que não saia para responder a emergências, mas que conduza os processos de mudança. Este ou esses retiros que proponho a vocês com seus pastores têm como objetivo que seus líderes sejam uma liderança mais reflexiva e se coloquem na vanguarda das mudanças e não apenas corram diante do que o mundo lhes apresenta.

O ritmo também envolve liderança mais saudável. Pastores que cuidam de sua saúde. Nossa geração não foi treinada para cuidar da alimentação, exercícios físicos, exames médicos regulares e descanso. Teremos que mudar a nós mesmos primeiro, mas também ensinar nossos pastores. Muitos pastores, que apresentavam problemas de saúde, excesso de peso, vida sedentária, foram vítimas do vírus. Ensine-lhes que descansar não é pecado, mas um mandamento bíblico.

Estratégia #21: Incentive seus pastores a organizar sua programação, deixando espaços para o tempo com a família e a fazer algo que eles gostem além do ministério.

Estratégia #22: Leve um médico para uma reunião com seus pastores, que conversará com eles sobre a importância da dieta, exercícios, descanso, cuidados e exames..

7. Em direção a uma liderança que inspira e liberta mais do que uma liderança que controla.

A "igreja comunidade" que faz missões na dispersão exige um alto grau de liberdade. A liderança que tenta controlar tudo será muito limitada ou muito estressada. Em Gênesis 1.1-2, somos informados de que Deus criou os céus e a terra, mas a terra estava em um estado caótico: desordenada e vazia. É nesse caos que o Espírito se move e a criação adquire forma e conteúdo. O momento de máxima criatividade ocorre na união do caos e da ordem. As empresas hoje têm uma nova forma de organização e a chamam de "caórdica". A ordem é dada por ter a mesma visão e os mesmos objetivos. Mas cada um chega até eles livremente, à sua maneira. Eles dizem que é a forma mais produtiva de organização empresarial.

O caos da nova realidade nos força a uma forma "nova-velha" de liderar na igreja. Um ministério caórdico. Onde os pastores alinham as pessoas com base em uma visão e objetivos comuns, mas dando liberdade para que todos na diáspora o façam de forma criativa, à sua maneira. Essa forma de conduzir produz muita insegurança para aqueles de nós que se acostumam a controlar, de que nada na igreja se faz sem a nossa autorização. Mas será a forma mais produtiva de missão corporativa que podemos enfrentar no novo tempo. A liderança está chegando ao mundo muito menos vertical. Mas também a essência da liderança cristã é inspirar e liberar, em vez de controlar.

Estratégia #23: Tenha uma reunião de ministração com seus pastores para que o amor do Pai seja aperfeiçoado neles e expulse todo o medo e controle..

8. Em direção a uma liderança que vive e avança à unidade

A pandemia criou fendas que separaram ainda mais os pastores nas cidades. A politização da crise, as medidas sanitárias, o encerramento ou não de templos, escatologias catastróficas, o surgimento de lideranças individualistas que se aproveitaram da morosidade das estruturas formais de unidade, ocupando espaços de poder, foram alguns dos motivos para gerar ainda mais divisão. Por outro lado, aquelas cidades onde os Conselhos Pastorais, as Fraternidades de Ministros funcionaram bem, foram de grande ajuda, acompanhamento, orientação e fortalecimento. E foi o pano de fundo para o surgimento de projetos missionários comuns.

Foi demonstrado que a solidão ministerial é um dos piores males. E que todos nós precisamos de relacionamentos próximos, saudáveis e amigáveis com nossos colegas. Será essencial ensinar nossos pastores a ter amigos, encontrar outros pastores com quem possam compartilhar e em quem possam confiar. E o mesmo será para o cumprimento da missão em nossas nações. Temos um mundo quebrado. Há uma nova dimensão na missão da igreja que será a reconstrução das ruínas. E a unidade da igreja na missão é necessária para responder a tal desafio.

Estratégia #24: Crie um Conselho ou Fraternidade de Pastores se não houver nenhum em sua cidade.

Estratégia #25: Pergunte a seus pastores se eles têm amigos e desafie-os a tê-los. Incentive-os a ingressar ou criar grupos de pastores em suas cidades.

Estratégia #26: Se você tem um ministério apostólico de unidade em sua cidade, faça um retiro com os pastores e analise o estado de unidade em sua cidade, e promova-o.

9. Rumo a uma liderança com identidade própria.

Alguém nos disse que ser pastor significa que todos devemos fazer o mesmo. Mas isso vai contra a nossa natureza e a obra do Espírito Santo em nos dar diferentes carismas. O sucessismo levou muitos pastores a imitar os pastores mais bem-sucedidos, perdendo sua própria identidade e incapazes de fazer uma boa cópia do original. A virtualidade destacou isso. Porque as pessoas sempre escolherão o original em vez da cópia. O pior foi que aqueles pastores anularam o potencial que Deus colocou neles para dar uma visão singular às suas congregações, e para agrupar os crentes com essa mesma visão. Quando entendemos o conceito de Igreja da Cidade e que cada congregação é apenas uma fatia da "pizza", e não a "pizza inteira", não apenas paramos de fazer coisas que outra congregação faz melhor, mas entendemos algo mais importante. ainda assim, e é que cada congregação também tem seu

próprio DNA, uma contribuição única a dar, que nenhuma outra congregação na cidade pode dar. Que Deus coloque nessa congregação as pessoas que compartilham esse DNA.

Estratégia #27: Ajude seus pastores a descobrirem e se concentrarem em suas impressões digitais ministeriais exclusivas.

10. Rumo a uma igreja com um ethos definido.

Talvez definir claramente o ethos congregacional seja o mais importante hoje. Qual é a alma, o DNA, a identidade da congregação? Cultura é o que somos. O que fazemos pode variar, mas não o que somos. Os pastores devem definir muito bem o que é esse ethos e ensiná-lo permanentemente. Em tempos de migrações de crentes mudando de congregação, isso é essencial. Quem tem conhecimento da identidade da sua igreja e concorda com a sua visão, desenvolve um sentimento de pertencimento e dificilmente vai para outra, mesmo que o “espetáculo” que o outro proporciona seja melhor.

Estratégia #28: Pergunte a seus pastores: Quando você menciona o nome de sua congregação, com que as pessoas se associam? Por que as pessoas em sua congregação têm o orgulho de pertencer a ela? O que faz você se sentir parte? Com o que eles se identificam? O que liga a essa congregação?

Estratégia #29: Faça um exercício com seus pastores para definir a cultura de sua congregação com base na Palavra.

Estratégia #30: Deixe-os sugerir maneiras práticas pelas quais esses valores culturais serão expressos em suas congregações e como promovê-los e reforçá-los entre as pessoas..

Conclusão :

Uma igreja que foi construída como uma máquina de eventos pode estar em uma situação delicada neste momento. Uma igreja que gira em torno de um clero profissional, ou de uma personalidade dominante, terá problemas. Uma igreja onde a instituição controla e é mais forte do que a comunidade terá problemas. Uma igreja cujo culto gira em torno de um modelo onde 99% são espectadores e 1% são protagonistas em uma plataforma, está em uma situação complexa. Uma igreja onde o que se faz pessoalmente é idêntico ao que se vê virtualmente, terá dificuldade em sustentar o que se faz pessoalmente.

Se o complexo Comunidade-Instituição estiver devidamente relacionado, há plenitude da obra do Espírito, há redes de relações e missão, e com um movimento harmonioso de reunião como *ecclesia* e missão na diáspora, então estamos diante de um momento maravilhoso de adiantamento para a igreja.

É hora de reforçar a cultura da comunidade. Quando, como parte desse ethos, há o privilégio das pessoas sobre as atividades e programas e isso se expressa nessas redes de relacionamentos e missão, pastoreando e servindo pessoas em inúmeras necessidades, a igreja terá um crescimento exponencial e um nível de impacto sobre a cidade como nunca antes.

Quando a comunidade é promovida ao invés do individualismo como parte dessa cultura corporativa, este será um momento maravilhoso para a igreja. Porque o que as pessoas mais precisam é do aspecto comunitário.

Quando, como parte desse DNA da igreja, houver liberdade para cada crente ser protagonista, quando esse movimento caórdico do Espírito ocorrer em missão, esse será um tempo de multiplicação para a igreja. Quando temos um ethos, que celebra esse cruzamento carismático, com os riscos que isso acarreta para os nossos esquemas institucionais, então este

momento pode ser de uma riqueza extraordinária. Porque quando a dimensão institucional é mais limitada, o templo é fechado ou semifechado, onde o clero não está tão exposto e visível, então essa dimensão comunitária adquire grande riqueza se as pessoas tiverem essa liberdade. Essa ordem caótica. Porque a igreja é uma comunidade carismática, ou seja, caórdica.

Se a cultura de generosidade e solidariedade faz parte de nosso ethos, então, ao enfatizar muito as redes de relacionamentos e missão, a igreja comunitária estará prosperando. Quando na alma da igreja é mais abençoado dar do que receber, então as pessoas farão parte da comunidade não apenas para ver como podem viver melhor, mas agora se perguntam como fazer parte da missão de Jesus neste mundo. Como curar um mundo dividido, como reconstruir uma nação em ruínas.

Acredito que virá uma igreja mais fiel à Palavra e mais sintonizada com o Espírito Santo, com forte ardor e necessidade de comunidade, que se reúnam como uma eclésia não por hábito, mas porque percebem que a experiência de compartilhar o encontro com os outros é essencial, os outros, de forma real e concreta, e não por trás das telas. E com uma missão plenamente desenvolvida por cada um dos discípulos.

Deus não está nos chamando para sobreviver em tempos difíceis, mas para sermos uma igreja que está avançando, transformando a realidade de um mundo em pedaços. Apóstolos e profetas são chamados a buscar a Deus a fim de guiar seus pastores, para o que acredito será uma época gloriosa para a igreja. Porque a igreja respondendo às necessidades das pessoas trará cada vez mais glória ao nome de Jesus Cristo. Que assim seja.